PLANO DE AULA

	CENTRO EDUCACIONAL MUNICIPAL DE IOMERÊ Diretora: Marta Maria Falchetti Coordenadora: Tânia Gonçalves da Silva Bressan Orientadora: Marinez Zanetti Zago Secretária: Roseli Aparecida Fiuza da Rosa Civiero Professor: Doglas Ansiliero Disciplina: Ensino Religioso Turma: 6º ano Data: 23/10/2020
ALUNO:	
Tempo previsto para a realização: 1h48 minutos	
Objetivo da aula: O conteúdo Linguagens Sagradas no Ensino Religioso contempla a apresentação do Sagrado através do Fenômeno Religioso em suas múltiplas formas de representação. Por meio deste conteúdo, os textos orais e escritos, as esculturas, as pinturas, os gestos, as danças, a música, os cantos, enfim as mais diversas manifestações artísticas são desenvolvidas em sala de aula de tal forma que a arte religiosa passa a ser uma das formas mais lúdicas de se trabalhar com os estudantes desde a tenra idade, sendo uma das possibilidades de se compreender a diversidade do Sagrado	
Habilidades: Identificar a linguagem sagrada dentro das correntes religiosas. Contribuir para a desmitificação de certos valores religiosos, conhecer as mais diferentes religiões contribui para diminuir o preconceito religioso.	
Formas de Avaliação: Atividades encaminhadas com retorno ao professor posteriormente através da plataforma educacional.	
Outros: Período de realização: 23/10/2020 à 30/10/2020 Metodologia: Conceitual, Leitura de texto Forma de registro e frequência do estudante: retorno da atividade ao professor através da plataforma google sala de aula.	

Ensino Religioso

Linguagem Sagrada:

Caros alunos, realize a leitura do texto com atenção posteriormente realize as atividades.

Modelo da atividade segue após o texto.

LINGUAGENS SAGRADAS

Emerli Schlögl

A arte, entre as suas muitas funções, também esteve e está marcadamente presente no contexto da expressão simbólica de diferentes religiões do mundo. O ser criativo e o ser religioso se encontram na fibra da materialização do imaginário. Conforme Ricoeur a metáfora é a linguagem da religião, e os símbolos religiosos resultam do pensamento metafórico transformado em palavra, gesto, imagem, sabor, cheiro e tato.

A arte e a religião trafegam na mesma via, a via da poesia e da subjetividade. Desde as pinturas rupestres até a construção de grandes mesquitas, a arte aparece como suporte para o sentimento e para a experiência do divino. Michelangelo Buonarroti, ao pintar a Capela Sistina, já intencionava que sua arte se pusesse a serviço da experiência mística do encontro do humano com o divino. Pessoas poderiam ler suas pinturas (mesmo que iletradas) e a partir desta leitura encontrar nelas beleza, esperança e coragem para enfrentar a vida, abraçados pela crença em um Deus de bondade e justiça.

Os povos das florestas inundados pela exuberância de cores e formas da natureza, que é o seu templo ao mesmo tempo que seu berço e sustento, posicionam ritualmente seu corpo em participação mística com toda a energia da vida. Ao se pintarem com a padronagem da onça, do girino, etc., evocam assim, a força do animal em seus para fluir em seus próprios corpos. Pela magia do ritual, materializada na pintura, despertam em si poderosas energias emocionais oriunda de sua psicologia humana/animal mais profunda. Esses povos também dançam em profunda conexão com estas mesmas forças.

A dança como maneira artística de contato com o divino acontece em diferentes tradições. Podemos lembrar da dança clássica indiana que teve sua origem nos templos e que só bem mais tarde se estendeu até os palcos. Para os hinduístas Shiva Nataraja (Senhor da Dança) oferece à humanidade o

conhecimento da dança sagrada que se desenha no espaço ao ritmo da marcação do tempo (que é o nascedouro e morredouro de todas as formas de vida) o drama da existência material/espiritual. Shiva também é conhecido como Deus da morte, e portanto Deus da dança, pois o que é a dança se não o movimento que nasce e morre a cada segundo no tempo e no espaço. Para que cada novo movimento surja é preciso que o anterior desapareça.

A vida/morte são assim alinhavadas e sacralizadas no próprio corpo do dançarino e da dançarina enquanto realizam sua performance. Os povos das florestas dançam, não poderia ser diferente, dada a sua profunda conexão com a vida. Existe um bailado em tudo aquilo que vive, desde a larva se arrastando sobre o chão até os tornados gigantes que rodopiam fazendo o bailado do maior “arrastão” possível de se ver. Os povos indígenas dançam e neste movimento reafirmam as energias da vida e do espírito da vida. A dança do indígena é também uma forma de manter os pés no chão, o fogo nas veias, a cabeça ventilada e as mãos entrelaçadas à outras mãos. Nos terreiros são as próprias forças da natureza, que personificadas nos encantados, se movem ritmicamente pelo espaço espalhando seus benefícios para a comunidade durante o ritual.

Ao dançar, ao som dos atabaques, cada orixá possui sua expressão rítmica, seu gestual e também sua energia intelectual/emocional que contagia as pessoas presentes levando-as a um outro estado de consciência, que podemos chamar aqui de consciência religiosa, que remete o fiel a um estado alterado de consciência. Do corpo artístico nasce também o teatro que é amplamente utilizado como forma de transmissão de valores religiosos e narrativas mitológicas, entre outros textos. Impossível deixar de lembrar o drama grego que marcou profundamente a psicologia científica do ocidente. De onde veio o conceito de complexo de Édipo senão do drama escrito por Sófocles e encenado no teatro grego? Os Deuses Gregos se tornavam próximos, até mesmo palpáveis, por meio da performática dos atores. Quem já não assistiu a um Auto de Natal?

No cristianismo é muito comum a encenação dentro e fora das igrejas, como mais uma forma de evangelização popular. A arquitetura do sagrado é mais uma das expressões da arte aliançada à religião. Existe uma relação estreita entre tipo de telhados, pisos, formas de colunas e a interpretações do sagrado feitas por cada tradição religiosa. Se o universo divino não pode ser compreendido por meio de palavras, sendo sempre um enigma para os seres humanos, a arte ao menos fornece uma forma de aproximação. “A obra de arte alivia o homem de tudo o que não pode cumprir, realizar de outra maneira, quer por razões morais, quer por obstáculos puramente materiais” (HUYGE, p. 28, 1986). Com isto, se pretende afirmar que as lacunas do desejo de perfeição, bondade e beleza, que são inspirações de cunho religioso também são inspirações da arte. Por meio da arte uma fagulha do que é utópico se materializa neste mundo real.

A arte pode propiciar um espaço atemporal de êxtase, inscreve na psicologia profunda de mulheres e homens uma experiência de bem estar e de paz de espírito que insuflam ânimo na vida cotidiana.

A música, outra modalidade de arte, é amplamente utilizada no meio religioso. Diz o ditado popular que “quem canta seus males espanta”, e analisando o dito vemos que realmente o canto coletivo propicia um exercício respiratório que beneficia o corpo e a mente dos cantantes. O ato de cantar leva a pessoa a fazer uma respiração mais profunda e controlada, além de dar voz aos seus sentimentos, mobilizando emoções que de outro modo permaneceriam caladas dentro de si. Ouvir uma música também exerce o poder de gerar campos psicológicos coletivos de unidade e de prazer. A música comunica algo para além do seu texto (quando cantada), oferece ao ouvinte a oportunidade de unir sentimento e pensamento, tornando-os força concentrada e motivadora de suas ações. A música instrumental também libera nos ouvintes e executantes uma parcela de energia pessoal que poderá ser utilizada na vida cotidiana, inspirando ações e sentimento de segurança por pertencer a uma realidade espiritual que transcende à provisoriedade

material, característica básica de todos os mortais. As crianças, principalmente, encontram na sua comunidade religiosa uma parcela significativa de sentidos, uma vez que sua percepção do espaço por meio da visão, do tato, do olfato, da audição e da gustação são muito pronunciados, até bem mais do que no adulto que por hábito já embotou um pouco suas capacidades de perceber o mundo plenamente por meio de seus sentidos. Imaginemos como a criança sente o universo da espiritualidade cada vez que vai até seu local de práticas religiosas. Ainda há quem se lembre do sabor da primeira hóstia, do som dos atabaques repercutindo em todo o corpo, dos vitrais em múltiplas imagens, de cenas teatrais marcantes, da sensação dos pés tocando o piso sagrado enquanto sapatos e chinelos descansam fora do templo, do cheiro dos incensos e das velas, e também da voz dos velhos e velhas, moças, moços e crianças cantando juntos como forma de oração. Todos estes elementos marcam profundamente a formação religiosa dos sujeitos, quer de modo consciente ou inconsciente. A arte sagrada modela ao mesmo tempo em que é modelada pela vontade religiosa das pessoas. Portanto, é muito útil estudá-la a fim de compreender como fazem e vivem a religião essas mulheres, homens e crianças do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Joachim. Dança clássica indiana: história, evolução, estilos. Curitiba: Edição do autor, 2008.
HUYGHE, René. Sentido e destino da arte (1). São Paulo: Martin Fontes Editora Ltda, 1986.
RICOEUR, Paul. Hermenêutica e ideologias. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. SCHLÖGL, Emerli. Confirmação simbólica das espacialidades arquetípicas femininas: um estudo das comunidades Bahá'ís de Curitiba e região. Paraná. Tese de doutorado. UFPR, 2012.

TITULO DO TEXTO

ALUNO
ESCOLA

RESENHA DESCRITIVA

Neste espaço você vai descrever o entendimento da leitura do texto com suas palavras, não realize cópia.
(20 linhas)

Pesquisa de termos:

Capela sistina:

Padroagem:

Arte sacra:

Pinturas sagradas:

Atividades

1) Qual o papel da arte nas religiões?
2) Quais são sentimentos são expressados na pintura sagrada?